

AS PRÁTICAS DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO: PERMANÊNCIAS E INDÍCIOS DE ALTERAÇÕES

VIEIRA, Luciene Cerdas – UNESP-Araraquara – vieira.lucienec@gmail.com.br

GUARNIERI, Maria Regina – UNESP-Araraquara

GT: Alfabetização, Leitura e Escrita / n.10

Agência Financiadora: CAPES

Introdução

Não é novidade que os debates sobre alfabetização vêm ganhando maior evidência no Brasil desde os anos de 1980, impulsionados pelo desenvolvimento de pesquisas sobre o tema em diversas áreas do conhecimento, que por sua vez têm revelado a complexidade e a natureza multifacetada desse fenômeno. Buscando contribuir com os estudos que tratam da alfabetização, este trabalho se volta mais detidamente para as pesquisas que enfatizam problemáticas relacionadas às práticas de professoras alfabetizadoras no intuito de investigar o que essas pesquisas dizem a respeito do trabalho realizado pelas docentes em sala de aula.

Apresentam-se aqui dados de uma pesquisa bibliográfica em que foram selecionadas investigações produzidas em Programas de Pós-Graduação em Educação localizados no Estado de São Paulo, levando em conta que as pesquisas deveriam: a) fazer referência ao processo de alfabetização; b) ser teses e dissertações produzidas entre 1980 a 2005; e c) ter como foco de investigação as práticas de professoras alfabetizadoras.

As pesquisas selecionadas, 40 ao todo, foram localizadas e o acesso a elas permitiu sua leitura na íntegra, o que resultou em uma análise mais detalhada desse material e na sua organização em três focos temáticos: procedimentos de alfabetização; práticas docentes; e saberes docentes. Esses focos, por sua vez, reúnem os temas principais dos estudos, considerando semelhanças e diferenças quanto ao seu enfoque, questões, objetivos e conclusões.

Primeiramente, apresenta-se a revisão de literatura sobre a alfabetização que, contemplando autores nacionais e estrangeiros que se dedicam ao estudo do tema, sobretudo no tocante às práticas de alfabetização, permitiu uma breve contextualização do estágio atual dos debates sobre o tema, ao mesmo tempo em que trouxe elementos para a análise do material selecionado. Em seguida, propõe-se a análise das pesquisas selecionadas em relação aos seus focos temáticos e temas principais, ressaltando o que os pesquisadores têm interrogado e construído de conhecimentos a respeito dos procedimentos de alfabetização, práticas e saberes que caracterizam a atuação docente.

Finalizando, algumas considerações sobre os resultados dessa produção são feitas evidenciando permanências e indícios de alterações nas pesquisas sobre as práticas de professoras alfabetizadoras e contribuições deste trabalho para se pensar esse objeto de investigação.

Uma breve contextualização

Verifica-se que o período de produção das pesquisas analisadas neste trabalho é marcado por debates que incidiram sobre aspectos mais gerais relacionados à revisão conceitual da alfabetização e sobre políticas educacionais voltadas à superação do fracasso escolar na alfabetização, haja vista os altos índices de evasão e repetência nas séries iniciais e, mais recentemente, os resultados insatisfatórios dos alunos em avaliações que medem a proficiência e o desempenho em leitura e escrita. Esse período é marcado também por discussões sobre as práticas de alfabetização, inclusive sobre as concepções e saberes das professoras, seus procedimentos de ensino e recursos utilizados em sala de aula, em busca da renovação das práticas docentes.

No tocante à produção acadêmica brasileira sobre a alfabetização, o relatório **Estado do Conhecimento em Alfabetização**, elaborado por Soares e Maciel (2000), apresenta um panorama do desenvolvimento dessa produção por meio de um balanço de teses e dissertações produzidas entre os anos de 1961 e 1989 e evidencia que os anos de 1980 representam um marco nos estudos sobre alfabetização. Isso se deve tanto ao crescimento quantitativo da produção, relacionado à expansão dos cursos de pós-graduação, quanto à diversificação de temas e referenciais teóricos com o desenvolvimento de estudos oriundos de diferentes áreas de conhecimento, como a Pedagogia, a Psicologia e a Lingüística.

De acordo com esse relatório, os estudos propiciaram não só revisões do conceito de alfabetização, mas também puseram em discussão a concepção de métodos de alfabetização, na medida em que evidenciaram o processo pelo qual a criança se apropria da escrita, a natureza lingüística do objeto de aprendizagem na alfabetização e as implicações desse processo em relação ao material didático e à formação do alfabetizador. Isso se explica, por exemplo, pelo crescimento na produção de teses e dissertações, entre 1961 e 1989, sobre temáticas como proposta didática, concepção de alfabetização, formação do alfabetizador, produção de texto entre outros, em comparação com os estudos sobre método (SOARES; MACIEL, 2000).

A disseminação de uma outra visão de alfabetização – como um processo de construção de conhecimento, daí a denominação construtivismo – põe sob suspeição os métodos tradicionalmente usados em busca de paradigmas didáticos alternativos (SOARES; MACIEL, 2000). No entanto, como aponta Colello (2004), desta vez não há métodos milagrosos, cartilhas promissoras ou condutas infalíveis, mas sim, estudos que atentam para as especificidades de um processo bastante complexo que é a alfabetização, exigindo uma revisão dos tradicionais princípios e das estratégias pedagógicas que marcaram o ensino da língua materna desde muito tempo.

Nesse sentido, muitas críticas foram feitas aos métodos de alfabetização até então utilizados nas salas de aula para alfabetizar (métodos sintéticos, analíticos e mistos), sobretudo pelas abordagens construtivistas, referindo-se a um ensino centrado no professor e que enfatiza exercícios mecânicos de repetição e memorização, a partir de atividades sem significação para os alunos. Além disso, como apontam alguns autores (CHARMEUX, 1995; COLELLO, 2004; FERREIRO, 1997), tais métodos constroem uma seqüência idealizada de progressão cumulativa – do simples ao complexo, do fácil ao difícil – sem considerar o que seja fácil ou difícil para a criança. Além disso, nesses métodos a compreensão é o resultado “mágico” de um processo de pronúncia, pois nada no trabalho previsto diz respeito à aprendizagem da compreensão que deve vir sozinha.

As ressalvas feitas a essas práticas tradicionais também incidiram sobre os materiais didáticos utilizados pelos alfabetizadores, em especial às cartilhas, revelando a impossibilidade de se formar os “indivíduos críticos e criativos” por meio de um trabalho com sílabas soltas, palavras isoladas ou frases sem sentido, pois, baseadas no ideal da homogeneização, essas práticas contribuem para transformar as crianças em pessoas conformistas e facilmente manipuláveis, prevalecendo a representação de que o aluno é “ensinado pelo professor”, ou seja, é sujeito paciente que sofre a ação realizada pelo professor (GARCIA, 2001, ZACCUR, 2001). Nesse sentido, esses métodos desconsideram a formação do leitor e produtor de textos, ao mesmo tempo em que perpetuam a idéia de um saber doado, no qual o ponto de vista do aluno raramente é levado em consideração (COLELLO, 2004; FERREIRO, 1997).

Como sintetiza Chartier (1998), no que tange às cartilhas, elas sofreram críticas quanto ao seu caráter ideológico (representação arcaica da realidade, estereótipos sociais, etc.), à presença de erros lingüísticos e ao emprego de métodos centrados no código, mais atentos à articulação dos sons e, portanto, inadequados para levar a uma

leitura visando à compreensão, já que o ensino da língua é substituído pela memorização de técnicas, regras e conceitos que, muitas vezes, anulam a possibilidade de produção criativa.

Em vista desses aspectos apontados sobre os procedimentos e práticas de alfabetização, brevemente apresentados aqui, passou-se a esperar que os docentes organizassem suas práticas de ensino objetivando a inserção dos alunos nas práticas sociais de leitura e escrita em toda sua complexidade evitando, portanto, atividades tipicamente escolares que não correspondessem às necessidades de comunicação. Desse modo, os alunos devem estar não só envolvidos por textos variados, mas também por atividades que permitam a eles participarem da utilização real que se fazem desses textos. Isso porque o aluno precisa compreender, também, o papel das atividades de leitura e da escrita no mundo e enxergar um significado concreto para o seu aprendizado (CHARMEUX, 1995; FOUCAMBERT, 1994; GIOVANNI, 1996; MICOTTI, 1996; TEBEROSKY, 1993).

As críticas às abordagens teórico-metodológicas da alfabetização refletem-se, também, sobre a produção de livros didáticos para alfabetizar. Como esclarece Silva (2004), a denominação “livros de alfabetização” em oposição às “cartilhas” tem sua origem nesse movimento de renovação da produção acadêmica e no conseqüente questionamento das formas de trabalho vigentes para ensinar ler e escrever, que resultou na separação entre propostas denominadas tradicionais e experiências consideradas inovadoras.

Para além da produção acadêmica, verifica-se a influência das discussões emergentes nos anos de 1980 no âmbito das políticas voltadas ao ensino fundamental, pois as evidências de que o fracasso escolar na alfabetização ameaça as “(...) legítimas aspirações de uma democratização do *saber* e da *cultura*, que acompanhe a democratização do acesso à escola (...)” (SOARES; MACIEL, 2000, p. 7, grifos das autoras), colocam a alfabetização como problema básico do sistema educacional brasileiro e, em decorrência disso, iniciativas de capacitação docente, organização de seminários e encontros sobre o tema, desenvolvimento de projetos, tanto no nível dos estados quanto no dos municípios, são exemplos de tentativas de enfrentamento do problema.

Entre essas tentativas destaca-se a implantação dos Ciclos de Alfabetização e da Progressão Escolar a fim de assegurar aos alunos a permanência na escola e a qualidade do ensino. A partir dos anos de 1980, estados como São Paulo, Minas Gerais, Paraná,

entre outros, eliminaram a seriação nas séries iniciais da escolarização, estendendo para dois anos a alfabetização para diminuir os índices de evasão e repetência verificados nessa fase pela superação da fragmentação artificial do processo de aprendizagem, característica do sistema seriado. Tal como explicam Barreto e Souza (2004), a implantação dos ciclos básicos refletiu a necessidade de resgatar a dívida social para com as parcelas majoritárias da população que fracassavam na escola. Essas medidas pretendiam flexibilizar o tempo e a organização da escola garantindo que essa clientela, diversificada sócio, cultural e economicamente, tivesse oportunidades de aprender.

Além da implantação dos Ciclos Básicos e da Progressão Escolar, a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997), nos anos de 1990, confirma a incorporação de novos objetivos para a alfabetização, enfatizando o papel da ação e da reflexão do aluno, que deve pensar sobre a escrita, o que ela representa e como representa graficamente a linguagem.

Considerando as tendências atuais sobre a alfabetização, mais recentemente, o Governo Federal, pela Lei nº. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, alterou a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a 9.394/96, dispondo sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade. Assim, espera-se integrar ao Sistema Público de Ensino uma clientela ainda não atendida majoritariamente pela educação pré-escolar, já que, até então, a pré-escola não era obrigatória, sendo facultativa a matrícula das crianças de até seis anos no sistema de ensino.

Ao constatar que as crianças das camadas médias e altas da sociedade ingressam na escola muito mais cedo que as crianças das classes populares, estando estas últimas em desvantagem em relação às primeiras, tal medida pretende “(...) oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade” (BRASIL, 2004a, p. 14). Vale ressaltar que os impactos positivos e negativos dessa medida sobre o trabalho das alfabetizadoras, começam a ser explorados pela pesquisa acadêmica e certamente constituem tema de interesse para os pesquisadores.

Em última análise, destaca-se que os resultados de exames que avaliam a proficiência dos alunos em leitura e escrita revelam dados pouco animadores. De acordo com o relatório apresentado pelo Ministério da Educação sobre os dados do SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) de 2003, a média nacional de

desempenho dos alunos da 4^a. série do ensino fundamental em atividades de leitura é de 169,4 pontos, numa escala de desempenho que vai de 0 a 375, sendo que, segundo o relatório, um patamar de mais de 200 pontos de proficiência para a 4^a. série poderia ser considerado próximo do adequado, “(...) pois nesse ponto os alunos consolidaram habilidades de leitura e caminham para um desenvolvimento que lhes possibilitarão seguir em seus estudos com bom aproveitamento” (BRASIL, 2004b, p. 7). Isso mostra que os alunos estão abaixo do “próximo do adequado”, revelando sérios problemas de leitura.

Esses dados revelam a atualidade dos estudos e pesquisas sobre a alfabetização como um desafio do sistema educacional e dos professores na tarefa de mediar esse aprendizado de modo eficiente. Isso porque, como aponta Soares (2003), os precários resultados obtidos em provas como SARESP, ENEM, SAEB, PISA¹ entre outras, permitem afirmar que o fracasso, antes verificado nas séries iniciais do ensino fundamental, estende-se, até mesmo, ao ensino médio, revelando grandes contingentes de alunos não alfabetizados ou semi-analfabetos que saem da escola depois de quatro, seis, oito anos de escolarização.

Assim, considerando o conjunto dos elementos aqui abordados, que permitem afirmar a atualidade dos debates sobre as práticas de alfabetização, é que se insere este trabalho objetivando contribuir e ampliar as discussões ao examinar o que dizem as pesquisas produzidas entre 1980 a 2005 em Programas de Pós-Graduação em Educação do Estado de São Paulo com foco nas práticas das professoras alfabetizadoras, a respeito dos procedimentos de alfabetização, práticas e saberes que caracterizam a atuação docente.

O que dizem as pesquisas sobre as práticas das professoras alfabetizadoras

A análise das 40 pesquisas selecionadas por meio de mapeamento realizado em acervos eletrônicos (Banco de Teses da Capes; sites das bibliotecas das universidades do estado de São Paulo) permitiu agrupá-las em focos temáticos e temas principais, conforme apresentado na tabela abaixo:

Tabela 1
Pesquisas distribuídas por focos temáticos e temas principais (1980 a 2005)

¹ SARESP (Sistema de Avaliação da Rede Estadual de São Paulo), ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica).

Focos temáticos	Temas principais	N. de estudos	%
Procedimentos de alfabetização	procedimentos de ensino na organização das atividades de leitura e escrita	7	17,5
	atividades com textos (cartilha, literatura infantil e textos funcionais)	3	7,5
	interação professor-aluno	2	5
Práticas docentes	caracterização dos elementos das práticas bem/mal sucedidas	6	15
	relação entre práticas docentes e rendimento/desempenho do aluno, sucesso/fracasso escolar;	4	10
	caracterização dos elementos das práticas docentes no cotidiano escolar	4	10
Saberes docentes	crenças e concepções das professoras sobre alfabetização, ensino, aprendizagem e docência	10	25
	a construção dos saberes docentes no exercício das práticas pedagógicas	4	10
Total		40	100

A análise dessa tabela aponta que os focos temáticos **práticas docentes** e **saberes docentes** correspondem, cada um, a 35% das pesquisas analisadas, enquanto **procedimentos de alfabetização** refere-se a 30% delas. Cabe observar que, apesar da incidência de trabalhos sobre saberes docentes ser significativa, é possível perceber em relação à distribuição dessas pesquisas ao longo do período sob análise, que elas vão emergindo no cenário das pesquisas nos anos de 1990, juntamente com questões relativas à construção desses saberes com a divulgação da literatura estrangeira sobre pensamento do professor e aprendizagem da docência.

Assim, verifica-se na distribuição dos temas principais no decorrer do período que os focos temáticos **procedimentos de alfabetização** e **práticas docentes** concentram, conjuntamente, 65% do total da produção, indicando que os temas privilegiados nesse período parecem corresponder a discussões presentes no campo da alfabetização, enfatizando a organização das atividades de ensino, o uso dos materiais didáticos, em especial os textos, as relações entre os comportamentos e atitudes docentes e o rendimento do aluno, a investigação das causas do sucesso das professoras bem sucedidas e dos determinantes da alfabetização no contexto da sala de aula.

Procedimentos de alfabetização

Dentro do foco temático **procedimentos de alfabetização**, o tema *procedimentos de ensino na organização das atividades de leitura e escrita* destaca-se entre os demais aglutinando 17,5% das pesquisas produzidas no período. Os pesquisadores que estudam esse tema abordam questões sobre a relação do conteúdo ensinado na escola com as experiências dos alunos e a ênfase dada à criatividade e à

oralidade nas atividades; a potencialidade das práticas de ensino de leitura e escrita no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo dos alunos; o modo como professoras lidam com os alunos aos quais atribuem dificuldades de aprendizagem e o trabalho desenvolvido por elas com essas crianças; as estratégias utilizadas no ensino da escrita numa perspectiva construtivista; o aproveitamento das experiências prévias das crianças com a leitura; o modo como professoras conduzem as práticas de produção escrita de textos no favorecimento do processo de letramento dos alunos; e a forma de desenvolvimento dos conteúdos de língua materna com relação à expressão oral, leitura e escrita.

Já no tema *atividades com textos (cartilha, literatura infantil e textos funcionais)*, que aparece em 7,5% do *corpus*, os pesquisadores analisam o trabalho realizado pelas professoras com os textos de literatura infantil; o espaço e o papel dos textos presentes nas práticas de alfabetização; e até que ponto o professor operacionaliza o preceito de devolver à escrita seu caráter de objeto social no uso das cartilhas e dos textos autênticos/funcionais.

Em relação ao tema *interação professor-aluno*, que representa 5% dos estudos, verifica-se que os pesquisadores dão destaque para os comportamentos dos professores e alunos no que diz respeito ao conteúdo verbal dessa interação e para a importância da afetividade nessas relações durante as atividades que envolvem a escrita na sala de aula.

A análise das pesquisas do foco temático **procedimentos de alfabetização** sugere que elas respondem às expectativas recentes de uma prática de alfabetização que deve ser organizada a partir da criação de situações significativas de leitura, baseadas no uso do texto, nas etapas do processo de aprendizagem da escrita pela criança, bem como nas suas experiências prévias de leitura e escrita. Nesse sentido, nota-se que os pesquisadores examinaram tais temas com base, principalmente, nos referenciais teóricos construtivistas, haja vista a ampla divulgação dessas tendências no meio educacional, em especial nos anos de 1990, inclusive com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Pode-se perceber também, nas pesquisas aglutinadas em **procedimentos de alfabetização**, a ênfase dada pelos pesquisadores às lacunas e dificuldades encontradas pelas professoras na organização e condução da alfabetização considerando as atuais orientações teórico-metodológicas, sobretudo, a perspectiva construtivista. De modo geral, essas pesquisas analisam aspectos pontuais da atuação das docentes, ao mesmo tempo em que enfatizam muito mais as ausências, ou seja, aquilo que elas não sabem e

não fazem, tendo em vista as abordagens teóricas mais recentes sobre a alfabetização. Apesar das especificidades de cada pesquisa, pode-se notar certa recorrência nos seus resultados, sugerindo certa permanência nos procedimentos de alfabetização adotados pelas professoras, já que, segundo os pesquisadores, as cartilhas, as atividades “tradicionais” que exigem repetição, memorização de letras e sílabas soltas e o uso do texto como pretexto à silabação continuam presentes.

Sobre os resultados dessas pesquisas, vale ressaltar que muitas delas apontam que as crianças não estão aprendendo ler e escrever a partir de um entendimento do significado e da função social da escrita, pois os procedimentos de alfabetização ficam limitados à aquisição dos automatismos da língua escrita, ou seja, à decifração do código. Sugerem ainda que as professoras não demonstram conhecimento teórico sobre a língua, não são usuárias competentes da escrita comprometendo o trabalho com alfabetização e que, portanto, a formação das professoras deve contemplar aspectos teóricos concernentes à alfabetização. Revelam que, na tentativa de abandonar em parte uma prática mais tradicional e aderir a orientações atuais que não conhecem a fundo, as professoras acabam fragilizando a organização do trabalho realizado e das atividades propostas. Aparece também entre os estudos alguns que apontam a presença de preconceitos por parte das docentes em relação à fala dos alunos e às experiências prévias que eles já possuem sobre a leitura e escrita.

Práticas docentes

No que se refere ao foco temático **práticas docentes**, uma análise da tabela 1 revela maior incidência do tema *caracterização dos elementos das práticas bem/mal sucedidas* que corresponde a 15% do total de pesquisas. Esse tema reúne pesquisas que caracterizam os elementos constitutivos de práticas bem sucedidas, eficientes ou competentes, investigando seus fundamentos e as causas do sucesso das professoras que obtêm êxito na alfabetização. Outras tratam desse tema comparando as práticas de professoras mais competentes e menos competentes, ou bem e mal sucedidas para identificar elementos que interferem positivamente no desempenho docente e na eficácia da alfabetização.

Entre as teses e dissertações reunidas no tema *relação entre práticas docentes e rendimento/desempenho do aluno, sucesso/fracasso escolar*, referido em 10% das pesquisas, estão aquelas que contemplam a identificação dos determinantes do rendimento escolar; a investigação das práticas pedagógicas e dos comportamentos

observáveis dos alunos na alfabetização; a análise do desempenho de professora iniciante e seus alunos; e a investigação das relações entre as práticas de ensino e o sucesso/fracasso escolar.

Já o tema *caracterização dos elementos das práticas docentes no cotidiano escolar* aglutina teses e dissertações que caracterizam elementos mais gerais das práticas das professoras alfabetizadoras no cotidiano da sala de aula, sem considerar previamente seus atributos de bem ou mal sucedidas. Tal tema está presente em 10% das pesquisas no período.

Em relação aos resultados das pesquisas reunidas no foco temático **práticas docentes** nota-se que os investigadores, de modo geral, trazem com uma riqueza maior de detalhamento como se dá o processo de alfabetização a partir da inserção no interior das salas de aula, para identificar aspectos constitutivos das práticas das alfabetizadoras, seja pela caracterização de práticas bem/mal sucedidas, ou com a preocupação de identificar os determinantes intra-escolares do rendimento dos alunos e do sucesso/fracasso escolar e suas relações com o trabalho desenvolvido pelas professoras. Vale ressaltar que as pesquisas que investigam práticas bem sucedidas revelam o interesse dos pesquisadores, já apontado por André (1995, p. 81), em entrar no cotidiano das escolas para identificar elementos que contribuam para a compreensão do trabalho docente e apontem pistas para propor práticas alternativas que dão certo na difícil situação do ensino brasileiro.

No que concerne aos resultados trazidos pelas pesquisas do foco **práticas docentes**, foi possível identificar um conjunto de comportamentos e atitudes que são mencionados pelos pesquisadores como constitutivos das práticas de professoras bem sucedidas, a saber: respeito aos alunos e uma relação baseada no respeito mútuo; expectativa positiva com relação ao rendimento deles; atendimento aos alunos com mais dificuldades; valorização dos conhecimentos prévios dos alunos e crença na capacidade deles para aprender; e variedade de procedimentos de ensino e atividades. Os estudos revelam também a presença de procedimentos mais tradicionais, paralelamente, a aspectos mais renovadores, uma prática nem sempre baseada em teorias de alfabetização, mas caracterizada por atividades de recuperação ao longo desse processo, pela participação constante dos alunos nas atividades propostas, envolvimento e compromisso das professoras, e pelo uso de uma linguagem adequada à faixa etária dos alunos.

As pesquisas abordam também aspectos que parecem ser dificultadores do êxito na alfabetização e desfavoráveis ao rendimento dos alunos, entre eles: dificuldade em manter o controle da classe; relação professor-aluno baseada na chantagem e castigo; desconsideração dos conhecimentos dos alunos; procedimentos repetitivos e mecânicos, com predomínio de cópia e ditado, que impedem a construção dos conhecimentos pelas crianças; idéia de homogeneidade e imaturidade dos alunos para aprender; recursos limitados; e conteúdos mal dosados e sem seqüência.

De modo geral, pode-se constatar a ênfase dada pelos pesquisadores do foco **práticas docentes** aos comportamentos e posturas dos professores para o êxito escolar e sucesso das práticas pedagógicas na alfabetização. Nesse sentido, a perspectiva de que as discussões sobre alfabetização avançaram para além do método de alfabetização (cf. CHARMEUX, 1995; COLELLO, 2004; MICOTTI, 1996; SOARES; MACIEL, 2000) se confirma nesse foco temático, na medida em que as pesquisas buscam uma compreensão maior sobre os elementos constitutivos e determinantes da alfabetização na dinâmica da sala de aula, a partir de uma análise mais global das práticas das professoras, em que se consideram vários aspectos que podem contribuir ou não para o sucesso da alfabetização.

Saberes docentes

Dentro do foco temático **saberes docentes** destaca-se, conforme a tabela 1, o tema *crenças e concepções das professoras sobre alfabetização, ensino, aprendizagem e docência* que corresponde a 25% do conjunto das pesquisas. Nesse tema as pesquisas privilegiam as concepções de alfabetização que configuram as práticas das professoras alfabetizadoras; a forma como a competência é significada por elas; as crenças das professoras sobre o ensino e as práticas de alfabetização desenvolvidas por elas a partir dessas crenças; e as diferentes apropriações do construtivismo entre as docentes.

Já o tema *construção dos saberes docentes no exercício das práticas pedagógicas*, referido em 10% das pesquisas analisadas, inclui aquelas que investigam como professoras iniciantes aprendem a ensinar ao exercer a própria prática, tendo como pressuposto que é no exercício da docência que se consolida o processo de tornar-se professor; o modo como as alfabetizadoras traduzem seu saber em saber-fazer, ou seja, as relações existentes entre o conhecimento prático e o conhecimento pedagógico na atuação docente; os saberes que as professoras construíram ao longo de sua trajetória

pessoal e profissional; e os saberes mobilizados pelas alfabetizadoras no exercício das práticas pedagógicas.

Ao analisar as pesquisas dentro do foco temático **saberes docentes** pode-se notar sua ênfase nas crenças, concepções e saberes que orientam as práticas das alfabetizadoras, levando em conta que seus comportamentos são influenciados por processos de pensamento próprios de cada docente. Isso evidencia uma preocupação maior dos pesquisadores com a relação teoria e prática de alfabetização e com o processo de construção desses saberes no exercício da docência.

Nunes (2001), que analisa como a questão dos saberes docentes aparece nas pesquisas sobre os professores na literatura educacional, explica que as discussões sobre o tema surgem em âmbito internacional nas décadas de 1980 e 1990, sendo um dos motivos para sua emergência o movimento de profissionalização da docência e a busca de um repertório de conhecimentos que garantisse a legitimidade dessa profissão. De acordo com ela, entre as pesquisas brasileiras, a temática dos saberes docentes tem se mostrado uma área um tanto recente, sendo que os anos de 1990 foram marcados pela busca de novos enfoques e paradigmas para a compreensão da prática docente e dos saberes dos professores.

Nesse sentido, este trabalho confirma a maior incidência desses estudos a partir de meados dos anos de 1990 e início do século XXI, o que sugere um interesse mais recente do tema em Programas de Pós-Graduação em Educação do Estado de São Paulo.

No que concerne aos resultados apresentados pelas pesquisas, a análise empreendida neste trabalho sugere que elas se centram nas dificuldades das professoras em conceituar a alfabetização, na medida em que identificam incoerências entre suas manifestações, muitas vezes, tidas como fragmentos do discurso oficial, e suas práticas pedagógicas caracterizadas pela resistência das professoras frente à perspectiva de um processo de alfabetização que não podem controlar passo a passo. Para alguns pesquisadores, como decorrência da incompreensão dos conceitos relacionados ao construtivismo, as professoras demonstram ter dúvidas e sentem-se inseguranças em relação ao modo de organizar e conduzir a alfabetização.

Desse modo, as pesquisas apontam que a proposta de revisão dos conceitos de alfabetização provocou, não uma mudança na concepção dos professores, mas uma síntese, nem sempre coerente, entre idéias já estabelecidas e as orientações construtivistas, o que parece confirmar que a qualificação intelectual não promove automaticamente uma ação pedagógica eficaz. O construtivismo possibilitou o

enriquecimento das atividades pedagógicas, mas também, resultou em professoras que se apropriaram do discurso, mas não conseguiram desenvolver uma prática coerente, ao mesmo tempo em que abandonaram os métodos tradicionais.

Outras pesquisas enfatizam que as professoras encontram-se num momento de mudança, revelado pelo desejo de alterar as práticas, enfrentando os desafios da condução da sala de aula, entre eles, a necessidade de manter o interesse dos alunos em suas primeiras experiências de escolarização com os recursos e condições da escola pública; atender um grupo de crianças em diferentes momentos do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, diferença acentuada pela implantação do Ciclo Básico; trabalho com conteúdos curriculares necessários para que os alunos avancem; e atender as necessidades de aprendizagem dos alunos. Assim, alguns estudos enfatizam que as professoras constroem e reconstróem seus saberes ao longo de sua vida pessoal e profissional, de acordo com as experiências vividas em sua atuação.

Algumas considerações

A idéia, apresentada por Soares (2003), de que a alfabetização como processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita, alfabético e ortográfico deve se desenvolver no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, sintetiza as aspirações atuais sobre seu ensino, tanto no âmbito escolar como fora dele. Ampliados os objetivos e demandas sociais da alfabetização para além do ensino do código, os desafios postos aos professores também se modificam e sinalizam a necessidade de revisão de conceitos e práticas vigentes nas salas de aula. Nesse sentido, cabe perguntar em que medida as pesquisas que, nesse contexto, se voltam a analisar as práticas de professoras alfabetizadoras têm ajudado a compreender o que ocorre na sala de aula.

Em primeiro lugar, este trabalho de natureza bibliográfica permitiu maior visibilidade aos aspectos específicos que vêm sendo abordados pelos pesquisadores e aos resultados alcançados por eles na análise das práticas das alfabetizadoras, no que tange aos procedimentos de alfabetização, práticas e saberes docentes. Frente a um contexto em que é marcante a influência dos referenciais construtivistas de alfabetização entre os pesquisadores, este trabalho evidenciou o interesse deles em investigar como se dá a organização das atividades de leitura e escrita nas práticas de alfabetização e o trabalho que as alfabetizadoras vêm realizando com textos, entre eles as cartilhas, a literatura infantil e os textos funcionais, levando em conta tendências

teóricas que apontam a necessidade da criação de situações significativas de leitura e escrita a partir do uso de textos já no início do processo de alfabetização.

Além disso, na perspectiva de que a alfabetização e os sucessos alcançados nesse processo não se limitam a uma questão de métodos, mas é “o comportamento do professor em face de sua prática pedagógica que faz a diferença” (CHARMEUX, 1995, p. 22), as pesquisas se voltam à análise das práticas docentes a partir do contexto em que elas ocorrem, buscando a identificação dos determinantes da alfabetização e das razões do sucesso de algumas professoras, consideradas bem sucedidas, eficientes ou competentes. Verifica-se, ainda, que essas pesquisas têm se voltado, mais recentemente, à análise dos saberes que as professoras mobilizam no exercício das práticas de alfabetização, já que se pode notar um maior número de estudos sobre esses temas a partir de meados dos anos de 1990.

É importante ressaltar a dificuldade encontrada na organização dos focos temáticos e dos temas principais, já que se observou uma proximidade muito grande entre as pesquisas analisadas no âmbito de cada um dos focos, sobretudo em relação aos seus resultados e conclusões. Desse modo, apesar de suas especificidades teórico-metodológicas, as pesquisas apresentam resultados reiterativos, centrando-se nas lacunas e dificuldades das professoras em conceituar e organizar as práticas de alfabetização, revelando suas dúvidas e inseguranças em relação aos procedimentos a serem adotados numa perspectiva construtivista, ou ainda a inadequação das práticas docentes em relação a essas tendências teóricas.

Mas será que apenas a incorporação de uma abordagem determina uma prática eficaz? Vale questionar o que foi se perdendo no trabalho com a alfabetização quando se percebe que as práticas bem sucedidas não necessariamente se reduzem à incorporação de uma determinada abordagem, mas depende da articulação de muitos elementos. Assim, o que faz a diferença na realização de um trabalho que promove a apropriação da leitura e da escrita pelo aluno parece não se limitar a um só aspecto da prática docente, mas depende da articulação de muitos fatores.

Alguns estudos mais recentes voltados à investigação dos saberes docentes trazem indícios de alterações ao analisarem quais conhecimentos são elaborados pelas professoras ao exercerem a prática de alfabetizar na perspectiva de que a partir de suas experiências, sobretudo aquelas que são próprias de sua atuação docente, são mobilizados por elas conhecimentos, crenças, valores que sustentam o seu fazer. Muitas

vezes, porém, os pesquisadores analisam aspectos isolados das práticas das professoras, como se um único elemento fosse suficiente para determinar o sucesso na alfabetização.

Além de se constatar que os estudos sobre as práticas de alfabetizadoras como objeto de investigação têm sido pouco privilegiados pelos pesquisadores ao longo do período estudado, as pesquisas nem sempre retomam o que já se produziu sobre o tema. Talvez isso explique a permanência de resultados reiterativos apresentados nas pesquisas e centrados, muitas vezes, nas mesmas dificuldades e lacunas do trabalho das professoras e não naquilo que elas de fato sabem sobre ler e escrever, sugerindo que ainda se sabe pouco a respeito da complexidade do trabalho das professoras alfabetizadoras. Cabe a futuros projetos de pesquisa aprofundar nesse conhecimento, assim como na investigação do que vêm se perdendo de positivo no trabalho dessas professoras ao longo do tempo.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas/SP: Papyrus, 1995, p.67-89

BARRETO, E. S. de S.; SOUZA, S. Z. Ciclos: estudos sobre as políticas implementadas no Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27, 2004, Caxambu, Minas Gerais, disponível em <http://www.anped.org.br/27/diversos/te_elba_barretto.pdf> . Acesso em: 09 mar 2006.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997.

_____. Ministério de Educação, Secretaria da Educação Básica, Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Coordenadoria Geral do Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações gerais**. Brasília, 2004a

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Resultados do Saeb 2003: versão preliminar**. Brasília, junho 2004b. disponível em <<http://www.inep.gov.br/download/saeb/2004/resultados/BRASIL.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2006.

CHARMEUX, E. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. São Paulo: Cortez, 1995.

CHARTIER, A-M. Alfabetização e formação de professores da escola primária. **Revista Brasileira de Educação**. n. 8, mai/jun/jul/ago 1998.

COLELLO, S. M. G. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004 (2ª edição revista e ampliada).

FERREIRO, E. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1997.

FOUCAMBERT, J. Por uma política de leiturização dos 2 aos 12 anos. In: _____. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 28-41.

GARCIA, R. L. Apresentação. In: _____. (org.). **Alfabetização dos alunos das classes populares**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 7-13.

GIOVANNI, L. M. O trabalho do professor alfabetizador: organização do ensino e consequências para a aprendizagem. In: MICOTTI, M. C. de O. (org.) **Alfabetização Estudos e Pesquisas**. Rio Claro: UNESP, 1996, p. 79-88 (Curso de especialização “Alfabetização” departamento de Educação Instituto de Biociências de Rio Claro).

MICOTTI, M. C. de O. Alfabetização: métodos e tendências. In: _____. (org.) **Alfabetização Estudos e Pesquisas**. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 1996, p. 9-60 (Curso de especialização “Alfabetização” departamento de Educação Instituto de Biociências de Rio Claro).

NUNES, C. M. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação e Sociedade**. Ano XXII, nº 74, Abril/2001, p. 27-42.

SILVA, C. S. R. da. Livros de alfabetização: o que muda e o que permanece da tradição escolar. In: BATISTA, A. A. G.; Val, M. da G. C. (orgs.) **Livros de alfabetização e de português: os professores e suas escolhas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004, p. 137-174 (Coleção Linguagem e Educação).

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: Reunião Anual da ANPED, 26, 2003, Minas Gerais, disponível em <<http://www.anped.org.br/26/outrostextos/semagdasoares.doc>> . Acesso em: 14 fev. 2004.

_____; MACIEL, F. (org.) **Alfabetização**. Brasília: MEC/INEP/ Comped, 2000. 173p. (Série Estado do Conhecimento, ISSN 1518-3653, n.1).

TEBEROSKY, A. Bases Psicopedagógicas da aprendizagem da leitura e da escrita. In: _____; CARDOSO, B. (orgs.) **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. Campinas/SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas; Petrópolis/RJ: Vozes, 1993, p. 29-45.

ZACCUR, E. “Fala português, professora”. In: GARCIA, R. L. (org.) **Alfabetização dos alunos das classes populares**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 14-30.